**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM CAMINHO POSSÍVEL**

Aparecida Suiane Batista Estevam

Discente de Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - [suianebatista@gmail.com](mailto:suianebatista@gmail.com)

Beatriz Andrade dos Santos

Discente de Pedagogia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - [beatrizandradesantos2@gmail.com](mailto:beatrizandradesantos2@gmail.com)

Kaiza Maria Alencar de Oliveira

Professora da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – SEEC

[kaizaalencar@yahoo.com.br](mailto:kaizaalencar@yahoo.com.br)

**Resumo**

O presente trabalho surge da necessidade de discutir a alfabetização enquanto um processo complexo, que envolve questões externas e internas a escola, requerendo de todos os envolvidos (sobretudo do alfabetizador) compreensão e atenção no que diz respeito as fases/etapas do processo da escrita em que as crianças se encontram, para só então traçar práticas de ensino coerentes que visem contribuir significativamente com o avanço do ensino e aprendizagem das crianças.Dessa forma, objetiva-se neste trabalho refletir sobre a alfabetização em uma perspectiva de letramento, bem como a necessidade de se entender o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) na construção do conhecimento das crianças em fase de alfabetização oportunizando-as um espaço em que se possa fazer uso de sua espontaneidade e testar suas hipóteses, além disso, visa analisar escritas de crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental da rede privada de ensino.Caracteriza-se como uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e para o embasamento teórico nos respaldamos nos trabalhos de Soares (2009, 2011);Colello (2004); Morais (2012), entre outros.Como resultados percebemos o quanto é importante conhecer o SEA para compreendermos as diferenças na fase de escrita de cada criança e ajudá-la no seu desenvolvimento e que o processo de alfabetização não pode estar dissociado do letramento.Do que se conclui que é necessário que o professor conheça a fase de escrita de cada criança e possibilite um processo de aprendizagem em que todos possam ser alfabetizados de acordo com as suas necessidades e que essas práticas estejam revestidas do alfabetizar letrando.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Leitura.

**Introdução**

As discussões acerca da alfabetização enquanto um processo complexo e multifacetado tem se intensificado entre pesquisadores e professores da área educacional em questão, isso porque, à medida em que há avanços e modificações na sociedade atual há também mudanças de concepções que envolve a educação.

Em vista disso, consideramos importante refletirmos no presente trabalho a alfabetização numa perspectiva de letramento, que visa ensinar aos aprendizes não só a codificar e a decodificar o código escrito, mas usá-lo de forma útil, crítica e reflexiva em seu cotidiano, dando a oportunidade das crianças testar suas hipóteses ao brincar com as letras e palavras sem o medo de ser repreendido pelo adulto que insiste em “taxar como erro” os avanços das crianças em cada etapa ou níveis de escrita que provavelmente estar passando ou passará.

Dessa forma, o presente é resultado das discussões realizadas durante a disciplina Teorias Linguísticas e Alfabetização ministrada no terceiro período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande – UERN e teve como objetivo refletir sobre a alfabetização em uma perspectiva de letramento, bem como a necessidade de se entender o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) na construção do conhecimento das crianças em fase de alfabetização, oportunizando-as um espaço em que se possa fazer uso de sua espontaneidade e testar suas hipóteses, além disso, realizamos a análise de escritas de crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental da rede privada de ensino.

O presente trabalho é uma pesquisa de campo norteada pela abordagem qualitativa, adotou-se a análise das atividades escritas como objeto de estudo para a construção dos dados empíricos. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada nas reflexões de Soares (2010; 2011); (COLELLO, 2004) que entendem a alfabetização e letramento como dois processos distintos, porém indissociáveis, já que um necessita do outro para sua complementação; Morais (2012) e Emília Ferreiro (2001) que traz significativas contribuições acerca do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), compreendendo a produção da escrita como um avanço e como um espaço em que a criança tem a oportunidade de testar suas hipóteses. Dessa forma, consideramos a pesquisa bibliográfica como um meio de dar maior sustentabilidade naquilo que discutimos e aprofundamos durante o trabalho, pois como aponta (GONÇALVES, 2001, p. 65) a pesquisa bibliográfica é “[...] aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno”.

Para melhor compreendermos o processo de alfabetização e a produção da escrita das crianças que se encontram nessa fase, recolhemos nove (9) atividades do 3º ano de uma escola da rede privada de ensino que está localizada no município de Marcelino Viera – RN, construímos um gráfico. Para esse trabalho, escolhemos duas, das nove atividades recolhidas, para que pudéssemos identificar as diferenças existentes nas escritas das crianças de forma mais detalhada e apesar de estarem na mesma série e estudarem em uma mesma escola apresentam níveis de escrita diferenciados. Vale ressaltar que tais atividades são de etapas diferente, no que diz respeito a produção da escrita, fato intencional, para que assim identificássemos os avanços

de cada criança em relação a fase de escrita em que se encontravam e a importância do estímulo e prática leitora por terceiros, tendo em vista que as crianças sofrem mesmo que indiretamente influências do meio social onde estão inseridas.

**Resultados e discussões**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

O processo de alfabetização tem sido bastante discutido pelos pesquisadores e estudiosos da educação, tendo em vista que em seu sentido restrito este processo era reconhecido apenas pelo domínio da mera aquisição do código escrito e das habilidades da leitura e escrita a serem desenvolvidas nas/e pelas crianças e ainda a transformação de grafemas em fonemas e vice-versa. Nesse contexto, constitui-se a alfabetização, como um processo mecânico de ordem passiva, que visa a decodificação e codificação da língua, não levando em consideração as habilidades cognitivas dos alunos. A alfabetização, é nesse sentido, um sistema fechado, no qual se prioriza os aspectos gramaticais (neste caso, mais relevantes do que a compreensão e a construção de significados no texto), além disso, considera a língua escrita como algo a parte que não tem nenhum vínculo com o cotidiano da criança (BRAGGIO,1992)

Nessa perspectiva, a alfabetização era concebida como um processo isolado, desvinculado da realidade social em que era produzida, além disso, desconsiderava as contribuições de outras áreas do conhecimento, o que contribuiu para que viesse a ser considerada como um processo complexo e multifacetado. Complexo por envolver um conjunto de habilidades e multifacetado por abranger outras áreas do conhecimento como as perspectivas psicológicas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas que trazem consigo especificidades próprias.

A alfabetização assim como todos os níveis escolares pelos quais passamos durante a nossa carreira estudantil, sofre influências dos meios nos quais estamos inseridos, isso por que como afirma Soares (2011, p. 51) são as “[...] as propriedades, os atributos, as condições que constituem a qualidade da alfabetização ou do alfabetismo dependem do contexto histórico, social, econômico, político, cultural, educativo em que essas práticas ocorrem”, ou seja, a qualidade da formação humana pela qual passamos, é influenciada mesmo que indiretamente do espaço onde vivemos e/ou frequentamos. Por isso, a afirmação da escola enquanto ‘salvadora da pátria’ é recorrente até hoje, pois transferimos para a escola e sobretudo para o professor a responsabilidade (que deveria ser primeiramente da família) de educar o sujeito em todas as suas dimensões, porém é preciso ressaltar ainda, que o meio social, político, econômico ou cultural pode até influenciar no processo de ensino-aprendizagem dos aprendizes, mas jamais determinará.

Dessa forma, diante os avanços e exigências da sociedade, o conceito de alfabetização foi se modificando e o que até então era definido apenas pela aquisição da leitura e escrita, passou a reconhecer a importância da compreensão e expressão de significados por meio da escrita, que parte daquilo que a criança conhece para o que ela desconhece. Em face disso, Colello (2004) afirma que:

[...] aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodifica-as (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em determinado contexto cultural (COLELLO, 2004, p. 10).

Nesse sentido, o ato de ler ultrapassa a mera decodificação, desafiando o aprendiz a utilizar a leitura e escrita como meio de expressão e comunicação, em que escrever e ler significa brincar com as palavras, esgotar tentativas e aprender com os seus erros.

A alfabetização neste caso, deveria ser um ciclo que abriria espaço para que a criança pudesse constituir-se desde cedo como um ser crítico e reflexivo, capaz de lutar por uma sociedade melhor, sendo um sujeito ativo, diferentemente de um processo em que visa apenas ensinar a criança a codificar letras e números e transferi-los para o papel, no qual o indivíduo é passivo quanto ao seu processo de ensino-aprendizagem e consequentemente tornar-se incapaz de compreender a sociedade ao seu redor. Sobre isso, afirma Soares (2011, p. 36) “[...] ser alfabetizado deveria significar ser capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tornar-se consciente da realidade e transformá-la”.

Tendo em vista essas discussões e desejos de mudança acerca da alfabetização, pode- se afirmar de acordo com os estudos de diversos pesquisadores, como Colello (2004), apontam que a partir da década de 80 as discussões na perspectiva de letramento começam a ganhar espaço na sociedade e então os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais passam a ser importantes e até decisivos (determinantes) para a prática da alfabetização, rompendo portanto, a ideia de que a sala de aula seria o único espaço de aprendizagem. Dessa forma, alfabetização e letramento, embora sejam processos distintos ambos se complementam, pois o primeiro precisa do último para a sua concretização.

O letramento é considerado por Soares (2010, p. 18) como o “[...] resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. Desse

modo, a autora compreende que, mais do que estar alfabetizado, isso é, ter o domínio da leitura e escrita é preciso saber exercer as práticas sociais que faz uso da leitura e escrita ao saber expor sua opinião de forma autônoma, crítica e consciente sobre determinado fato.

O letramento como processo sócio histórico que objetiva familiarizar os sujeitos com o uso das práticas sociais da língua escrita, isto é, tecer compreensões e expressar-se através da escrita tornou-se uma exigência da sociedade atual, já que saber ler e escrever não é mais suficiente haja visto a necessidade de entendermos e interpretarmos o que está a nossa volta com um olhar reflexivo. Com isso, consideramos a alfabetização sob a perspectiva do letramento como um grande desafio para os educadores; em contrapartida é uma prática que viabiliza uma aprendizagem ativa, participativa que se constrói coletivamente, no qual o aluno tem a oportunidade de expressar-se nos mais diversos contextos sociais de modo a construir significados.

**PRÁTICAS DE ENSINO NO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA – SEA**

Por muito tempo, o método tradicional baseado em atividades mecânicas e repetitivas foram essenciais no processo de alfabetização da criança, porém a partir das mudanças sofridas pela sociedade, tal método tornou-se insuficiente. Nessa perspectiva, Morais (2012) traz uma discursão importante acerca de algumas atividades que podem ser adotados pelos educadores no ensino do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) para facilitar a compreensão por parte dos alunos no que diz respeito a assimilação dos princípios do SEA e a apropriação de suas convenções “grafema-fonema”, objetivando assim, a construção de uma aprendizagem significativa, em que o educando participa ativamente do processo de aprendizagem e da aquisição do sistema notacional da escrita.

Morais (2012) expõe o processo de alfabetização como um processo complexo e que precisa envolver as crianças para que elas possam sentir que o processo de alfabetização não se restringe apenas em saber ler e escrever. Sendo assim, não aborda a alfabetização em sua perspectiva tradicional, que faz uso de métodos repetitivos, voltados para um processo mecanizado que defende a repetição e memorização como critérios para a aquisição do código da escrita-fala, mas como um processo que exige criatividade e que portanto deve usar métodos que envolvam a ludicidade e que objetive a concretização da aprendizagem do SEA e da leitura dos educandos de forma que estes possam participar ativamente da construção da aprendizagem.

Nessa perspectiva, o educador deve planejar a sua prática pedagógica objetivando a aquisição dos princípios da prática alfabetizadora por parte dos alunos e isso poderá ser possível por meio de atividades que envolvam a ludicidade e que consequentemente possibilitem aos alunos o alcance de tais objetivos.

De acordo com Morais (2012) a perspectiva didática construtivista seria um dos “instrumentos” que poderiam promover uma aprendizagem baseada no “alfabetizar letrando”, tal perspectiva didática, explica de forma geral o que é a escrita alfabética e como os indivíduos se apropriam dela, além de desafiar a escola a pôr em prática certos princípios de ordem filosófica.

A perspectiva construtivista, tem por objetivo maior construir uma aprendizagem que forme pessoas críticas-reflexivas, conscientes de seus direitos e deveres; objetiva também, formar pessoas criativas, emancipadas, capazes de formular seus próprios conceitos, que criam e recriam conhecimentos e formas de expressão e não “sujeitos” reprodutores de conhecimento, que repetem de forma mecanicista os conhecimentos que lhes foram repassados e por fim, desafia os professores a respeitarem as singularidades e os ritmos de aprendizagem das crianças, para que assim possa haver a promoção da alfabetização na perspectiva do letramento. Sobre tais ritmos diferenciados, pode-se afirmar de acordo com Morais (2012), que o conhecimento sobre o SEA não surge simplesmente do ambiente externo aquela a criança está exposta, mas é fruto dos avanços que o próprio aprendiz realiza sobre seus conhecimentos prévios. Entretanto, é preciso ressaltar que, é da instituição a responsabilidade de contribuir com a formação dos professores para que estes possam desenvolver um trabalho significativo em vistas uma educação de qualidade.

A teoria proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) apontas as seguintes fases que as crianças podem passar em seu processo de produção da escrita: fase pré-silábica, silábica, silábico-alfabético e alfabética. Sendo a fase pré-silábica a fase em que a criança “[...] ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora [...]” (MORAIS, 2012, p. 55), isto é, a criança ainda não descobriu que a escrita sequencia aquilo que falamos; A escrita da criança que encontra-se no período silábico ou fase silábica, de acordo com Ferreiro (2001), sofre uma evolução até a criança atender à exigência de que é preciso colocar uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem haver a repetição de letras; O período silábico- alfabética segundo Morais (2012, p.63) configura-se não somente “[...] como um ‘período de transição’, mas como um período de grande aprendizado das correspondências grafema-fonema [...]” e a fase alfabética que corresponde não somente ao conhecimento dos valores sonoros das letras, mas o automatismo em vistas o desenvolvimento da leitura e escrita, que por sua vez, não estão isentos de erros ortográficos.

Em face disso, é importante esclarecer que o intuito da discussão não é apontar uma melhor forma de ensinar ou uma metodologia específica para alfabetizar, pois a escolha da teoria que embasará a prática pedagógica do educador dependerá de inúmeros fatores que podem ser de ordem externa ou interna à sala de aula, incluindo as ideologias e a concepção de educação que a escola possui.

Sendo assim, a base de sustentabilidade teórica incorporada pelo educador deve estar atenta as necessidades da prática pedagógica e as reais condições para o seu desenvolvimento, o que cabe nos questionarmos: quando devemos iniciar o ensino de escrita alfabética? Segundo Morais (2012. p. 116) “[...] a apropriação do SEA não é uma questão maturacional, regulada por um relógio biológico, mas depende das oportunidades vividas dentro e fora da escola [...]”. Ou seja, a escola pode iniciar o ensino do SEA desde o final da educação infantil, ofertando as crianças um ensino que as permitam conviverem e desfrutarem por meio das brincadeiras, a dimensão sonora e gráfica das palavras. Além disso, é importante destacar, que esse convívio deve ser diário, pois somente assim, as crianças estarão inseridas em um espaço promotor de práticas de leitura e produção de textos escritos, apesar de ainda não compreenderem o valor convencional das letras que quando juntadas formam sílabas e estas por sua vez, correspondem aquilo que falamos.

**UM OLHAR REFLEXIVO ACERCA DO SEA EM UMA TURMA DO 3º ANO**

A habilidade da leitura e escrita ultrapassa os limites da codificação e decodificação do código escrito, pois de acordo com Colello (2004) o ato da leitura e escrita não dependem somente da habilidade da criança em juntas as sílabas e decodificar a palavra escrita, mas antes disso, seria necessário compreender o funcionamento da língua e a forma como é usada nos espaços sociais. Pensando nisso, compreendemos que o professor deve proporcionar a criança o contato com diferentes tipos de textos e sem censura, permiti-la testar suas hipóteses de escrita sem medo de ser repreendida.

Para melhor entendermos esse processo complexo e que ocorre de forma diferenciada para cada criança, recolhemos nove escritas no 3º ano de uma escola da rede privada de ensino que está localizada no município de Marcelino Viera/ RN. Como toda escola, recebe um público variado seja em termos de constituição familiar, econômicos, culturais, políticos ou religiosos. Ao recolhermos tais atividades, realizamos uma análise crítica voltada para as etapas de produção da escrita que cada criança pode passar em seu processo de alfabetização, baseados nos trabalhos de pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1986). A atividade escrita recolhida, propunha que as crianças realizassem a produção de um texto a partir das imagens já expostas na folha de atividade. Consideramos tal proposta bastante significativa, haja visto que estimula a imaginação e aguça o senso criativo da criança, dando-lhes oportunidade de brincar com as palavras para formular uma ideia e testar suas hipóteses na escrita.

Ao realizarmos a análise das atividades, concluímos que duas (2) das crianças encontram-se no período silábico-alfabética e mesmo podendo nesta fase, estar distante da escrita convencional no que diz respeito ao domínio das regras e particularidades do sistema notacional da escrita, as crianças já compreendem o valor sonoro de cada letra.

Nessa perspectiva, representamos no gráfico abaixo as duas etapas de produção da escrita em que as crianças se encontram, sendo duas (2) escritas silábico-alfabética e sete (7) escritas alfabética. Entretanto, as crianças que encontram-se na fase alfabética, apesar de estarem em um mesmo período, apresentam níveis de desenvolvimento diferentes. Dessa forma, construímos o gráfico a partir dos seguintes critérios: fase silábico-alfabética apresenta uma escrita com avanços no que diz respeito a necessidade de pôr mais letras para a palavra a ser escrita, mas que ainda precisa avançar; Alfabética: nível 1 representa uma escrita com poucos erros ortográficos e que faz uso considerável da criatividade e a escrita Alfabética: nível Nível 2 seria o “intermediário”, no qual apresenta-se alguns erros ortográficos e um menor desenvolvimento da criatividade.

**Alfabética: nível 2**

**Alfabética: nível 1**

**Silábico-alfabética**

4

3

2

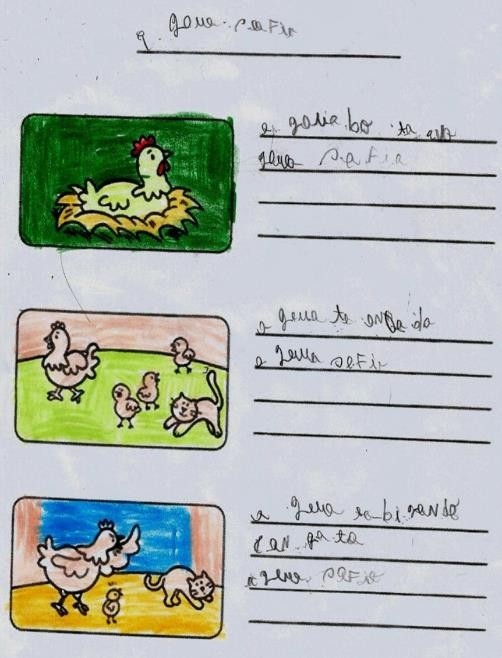
**GRÁFICO 1: Níveis do processo de alfabetização de uma turma de 3º ano de uma escola de rede privada de ensino do município de Marcelino Vieira/RN**

**Fonte:** produzido pelas pesquisadoras

Para melhor refletirmos sobre esse processo que aparentemente é concebido como simples, mas que na verdade é complexo e que envolve fatores internos e externos as crianças, e como ressalta Soares (2011) sendo o contexto histórico, social, econômico, político e cultural, propriedades que definem mesmo que indiretamente, a qualidade do processo educativo do aprendiz, escolhemos duas (2) atividades dentre as nove (9) recolhidas, sendo uma (1) da fase silábico-alfabética e uma (1) da fase alfabética nível 1, para estabelecermos diferenças entre os níveis de desenvolvimento da escrita das criança.

Na *Atividade 1*, a escrita em análise, encontra-se na fase silábico-alfabética, fase esta que de acordo com Morais (2012), configura-se não apenas como uma transição de uma etapa para outra etapa, mas um momento em que a criança aprende as correspondências grafema- fonema. Nessa fase, a criança escreve com dificuldade, mas consegue expressar-se a partir da escrita e apesar de não escrever gramaticalmente correto, reconhece que é preciso colocar mais letras para escrever e não mais uma letra para cada sílaba.

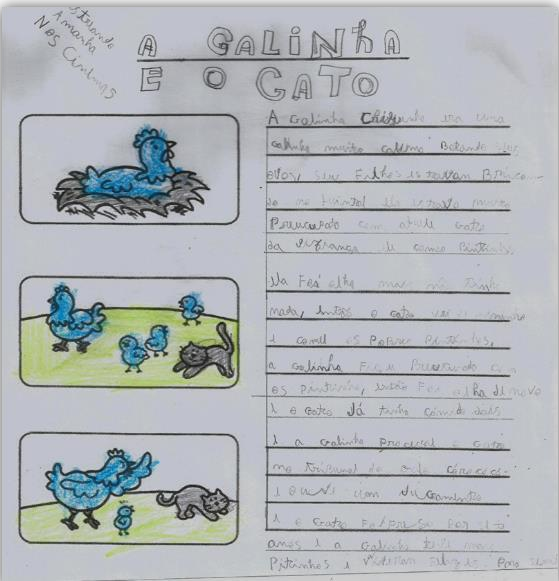
Na construção de suas ideias na *Atividade 1*, a criança sempre enfatiza o nome da galinha no final, a galinha Sofia, também título de sua produção. Nesse caso, se o professor, exigir da criança o uso correto da ortografia, pontuação, acentuação e tantos outros requisitos tornará o caminho da criança ainda mais longo e penoso a se percorrer, portanto, o educador deve motivar o sujeito em formação em vista a construção do conhecimento, mostrando-o que os erros são tentativas que nos levam ao acerto, pois conforme aponta Colello (2004) tais erros são considerados como construtivos, espontâneos e necessários para a efetivação da construção do conhecimento, sendo o aluno um sujeito ativo e participativo em seu processo de aprendizagem.

**ATIVIDADE 1: A galinha Sofia**

**Fonte:** Material recolhido durante a pesquisa de campo pelas pesquisadoras

A criança da *Atividade 1* formula o seu texto da seguinte forma: *A galinha bota ovo. A galinha Sofia. A galinha está olhando. A galinha Sofia. A galinha está brigando com o gato. A galinha Sofia.* Sendo assim, conforme apresentado na *Atividade 1*, a criança descreve as cenas apresentadas em poucas palavras e com dificuldade, mas apresentando os avanços da fase em que se encontra: fase silábico-alfabética, portanto, realiza a atividade demonstrando a todo tempo dedicação e esforço em dar o seu melhor, requisito a ser considerado pelo professor alfabetizador.

Na *Atividade 2*, a criança usa a sua criatividade ao construir a narrativa, conseguindo chamar a atenção do leitor e prendê-lo a seu texto, à medida que brinca naturalmente com as palavras consegue transcender a ideia de descrição do que se ver, já que usando a sua imaginação cria uma história lógica, com ações determinadas e alternativas cabíveis aos problemas apresentados, vejamos:

**ATIVIDADE 2: A Galinha e o Gato (Estreando amanhã nos cinemas)**

**Fonte:** Material recolhido durante a pesquisa de campo pelas pesquisadoras

A criança na *Atividade 2*, narra a sua história da seguinte maneira: *A galinha Chiquinha era uma galinha muito calma. Botando seus ovos. Seus filhos estavam brincando no quintal ela estava muito preocupada com aquele gato da vizinhança de comer os pintinhos. Ela foi olhar mais não tinha nada, e então o gato veio de [...] e comeu os pobres pintinhos. A galinha ficou preocupada com os pintinhos, então foi olha de novo e o gato já tinha comido dois. E a galinha procurou o gato no tribunal do Galo corocócó... e ouve um julgamento e o gato foi preso por sete anos e a galinha teve mais pintinhos e viveram felizes para sempre.*

Ao fazermos a leitura na íntegra (na imagem em que há o registro original) da *Atividade 2,* perceberemos alguns erros ortográficos, mas como discute Morais (2012) escrever ao alcançar essa fase é estar cercada por esses erros, que são comuns e que farão com que a criança reflita e consequentemente avancem em seu processo de ensino e aprendizagem.

Em face disso, questionamos: por que crianças que estão em uma mesma série apresentam níveis de desenvolvimento na escrita diferentes? A sala de aula é um ambiente heterôgêneo, cada sujeito tem suas particularidades que os diferenciam uns dos outros e isso, faz com que percebamos que devemos estar atentos a esses ritmos diferenciados, não negligenciando a criança e a condenando por estar “menos adiantada” que a outra, pois cada um possui o seu ritmo de apropriação da escrita, que acontece de forma espontânea, mas que deve ser estimulado pelo educador através de práticas de ensino que visem desenvolver não só a habilidade de leitura e escrita da criança, mas permiti-la criar, testar seus conhecimentos seja a partir de atividades de escrita espontânea, seja através do jogo ou de outras atividades lúdicas, pois como afirma Soares (2012) os educadores e todo o corpo que integram o espaço escolar, seja os funcionários ou os formuladores das políticas educacionais, devem levar em consideração que o ritmo de apropriação do SEA depende qualitativamente das práticas de ensino desenvolvidas pela escola, o que acaba por refletir diretamente no processo de ensino- aprendizagem da criança.

**Conclusões**

Ao considerarmos o processo de alfabetização como complexo e envolto de um contexto social que é especifico de cada criança, precisamos enquanto alfabetizadores promover em sala de aula, a participação ativa dos alunos em seu processo de aprendizagem, para que consequentemente apropriem-se da leitura e da escrita e ao reconhecer a necessidade de envolver o letramento nessa fase de desenvolvimento, através de atividades que possam despertar nos educandos o desejo de aprender sempre mais.

É necessário ainda, que o professor proporcione aos educandos durante seu processo de desenvolvimento, a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e de seus princípios, além de simultaneamente desenvolver no aluno a capacidade de realizar a leitura e a escrita de forma competente e autônoma dos diversos gêneros textuais existentes na sociedade. Ou seja, ao alfabetizar letrando o professor cria situações de aprendizagem para que os alunos se apropriem da língua escrita e tenham a oportunidade de empregá-la nas diversas situações cotidianas existentes em seu meio social.

Para que isso aconteça, é preciso que o professor conheça cada aluno, visto que cada criança, apesar de ter a mesma idade, estudar na mesma série e escola desenvolve-se de maneira diferente. Isso porque, cada criança possui seus traços, suas marcas, seus estímulos; carrega em si, ideologias, crenças e culturas; está situada em um seio familiar cuja constituição é única (inserida em um contexto social que se diferencia do outro), o que quer dizer, que tudo isso, direto ou indiretamente reflete em sua forma de ver o mundo, de arriscar, de testar suas hipóteses, seja na leitura ou na escrita, isto é, reflete decididamente em seu processo de alfabetização.

**Referências**

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização:** da concepção mecanicista sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização em questão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 4.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2011.